

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo  
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/1678-460x202339254195>

# Aquisição da escrita argumentativa: a ressignificação do discurso do outro pela ilusão da argumentação

Luísa Ferrari, Lúcia Regiane Lopes-Damasio

<https://doi.org/10.1590/1678-460x202154195>

Submetido em: 2021-09-27

Postado em: 2021-09-28 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

<https://doi.org/10.1590/1678-460x202154195>



## **Aquisição da escrita argumentativa: a ressignificação do discurso do outro pela ilusão da argumentação**

### **Argumentative writing acquisition: resignification of the other's discourse through the illusion of argumentation**

*Luísa Ferrari*<sup>1</sup>

*Lúcia Regiane Lopes-Damasio*<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Neste trabalho, buscamos pistas da circulação de sujeitos do segundo ciclo do Ensino Fundamental pelo imaginário sobre a (sua) escrita em uma tradição discursiva de natureza argumentativa. Para tanto, elegemos os mecanismos de junção como lugar privilegiado de análise, à luz de uma orientação teórico-metodológica que assume a constituição heterogênea da escrita, concebe tais mecanismos como aspectos sintomáticos de tradições discursivas, entendidas como matéria e produto da linguagem, e como *rastros* da movimentação do sujeito na textualização. Os resultados revelam, a partir de uma análise quantitativa e qualitativa: (i) a regularidade de uma estratégia argumentativa singular nos textos investigados, pautada na antecipação e refutação de argumentos do outro, a partir de sua incorporação e ressignificação via encadeamentos argumentativos *causais* e *contrastivos*, que indiciam a ilusão da argumentação; e (ii) a pertinência da consideração das tradições discursivas para a observação relacionada à complexidade crescente de aspectos semânticos das técnicas juntivas em *espaços de junção* que marcam, concomitantemente, o particular e o geral da singularidade histórica.

Palavras-chave: escrita, mecanismos de junção, tradição discursiva, heterogeneidade da escrita, argumentação

<sup>1</sup>Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/UNESP). São José do Rio Preto – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0384-4781>. E-mail: [luisa.ferrari@unesp.br](mailto:luisa.ferrari@unesp.br).

<sup>2</sup>Faculdade de Ciências e Letras (FCL/UNESP). Assis – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9058-3566>. E-mail: [l.damasio@unesp.br](mailto:l.damasio@unesp.br).

## Abstract

In this paper, we look for cues to the circulation of subjects in secondary education through imagination concerning (their) writing in an argumentative discursive tradition. To this end, we have chosen junction mechanisms as a privileged place of analysis, in the light of a theoretical and methodological framework, which presumes a heterogeneous constitution of writing. Such framework conceives these mechanisms as symptomatic aspects of discursive traditions, which are seen as both the matter and product of language and as *traces* of the subject's movement in textualization. Based on a quantitative and qualitative analysis of the texts, the results reveal: (i) the regularity of a singular argumentative strategy, supported by anticipation and refutation of arguments of the other, by incorporating and resignifying them through *causal* and *contrastive* argumentative sequences, which point towards the illusion of argumentation; and (ii) the relevance of considering discursive traditions in order to observe the increasing complexity of semantic aspects of junction techniques in *spaces of junction* which define, at once, the particular and the general of historic singularity.

Keywords: writing, junction mechanisms, discursive tradition, heterogeneity of writing, argumentation

## 1. Introdução

Este trabalho coloca em foco a aquisição da tradição discursiva (TD) argumentativa, no modo de enunciação escrito, por sujeitos do segundo ciclo do Ensino Fundamental (EF II). Para isso, parte de uma orientação teórico-metodológica que admite a heterogeneidade constitutiva da escrita (Corrêa, 2004) e entende que a aquisição de tradições da escrita<sup>1</sup> é atravessada pelas

---

<sup>1</sup> Admitimos, conforme Lemos (1998), que a relação da criança com a linguagem se refaz a cada novo tipo de discurso aprendido. Assim, nos afastamos da compreensão de aquisição da escrita como processo que pressupõe acabamento e entendemos que, no EF II, os sujeitos experienciam, continuamente, novas relações com a linguagem, em seus modos escrito e falado de enunciação.

tradições da fala em práticas orais e letradas, sendo intermediada pelo pressuposto da não- exterioridade do outro no discurso do eu (Lemos, 1994; 1998). Tais práticas atuam na constituição, pelos sujeitos, de um imaginário sobre a (sua) escrita, pautado em suas experiências prévias com a linguagem, tanto no modo de enunciação falado quanto no escrito (Corrêa, 2004).

Ao entender que está em aquisição uma nova tradição da escrita, este trabalho, filiando-se ao paradigma das TDs, elaborado em Koch (1997), Oesterreicher (1997) e Kabatek (2005, 2006), concebe TDs como modelos de textos sócio-historicamente convencionalizados, que se repetem ao longo da história e adquirem valor de signo próprio (Kabatek, 2005, p. 157). Conforme Oesterreicher (1997), nos momentos iniciais de aquisição da escrita convencional – entendida aqui, em harmonia com Corrêa (2004, p. 10), como código escrito fixado pelas várias instituições –, a criança carrega uma memória comunicativa, a partir da qual acessa esquemas textuais que adquiriu nas práticas sociais já vivenciadas, sobretudo orais/faladas. Neste trabalho, admitimos que essa memória comunicativa tem papel igualmente importante na aquisição de TDs escritas por sujeitos que já têm experiências com o sistema de escrita.

Dada a indissociabilidade entre o oral/falado e o letrado/escrito, base da perspectiva teórica seguida no trabalho, é possível apreender, no material escrito, marcas do oral/falado e, assim, recuperar, a partir de fatos linguísticos e enunciativos, a circulação dos escreventes pelo (seu) imaginário sobre a (sua) escrita (Corrêa, 2004). Fatos linguísticos do falado e do escrito – que, segundo Corrêa (2004, p. 2), estão intrinsecamente associados a práticas sociais orais e letradas –, além de permitirem a apreensão de aspectos da apropriação gradual da escrita e do papel dessas práticas na relação dos sujeitos com a escrita, configuram também aspectos sintomáticos da(s) TD(s) a que os textos se vinculam (Longhin, 2014, p. 55). Segundo Kabatek (2005, p. 165), os esquemas de junção de um texto – a partir dos tipos de juntores que o constituem e de sua frequência relativa – são um dos aspectos linguísticos que possibilitam a identificação e caracterização da(s) TD(s) em que ele se insere. No âmbito da aquisição de TDs, no modo escrito de enunciação, os mecanismos de junção (MJs) também se revelam aspectos sintomáticos, indicando a natureza gradual da aquisição e sua relação constitutiva com as TDs no modo falado de enunciação (Lopes-Damasio; Silva, 2018; Lopes-Damasio, 2019).

Neste trabalho, a aquisição de uma nova TD da escrita será focalizada pelo viés da junção, a partir da identificação e caracterização dos MJs mobilizados por sujeitos da antiga 7ª série do EF em textos pertencentes à TD carta argumentativa. A análise dos MJs estará orientada por duas questões principais que norteiam o trabalho: (i) que pistas os MJs permitem capturar acerca da circulação de sujeitos que estão adquirindo uma TD, materializada no modo escrito de enunciação, por seu imaginário<sup>2</sup> sobre a (sua) escrita?; e (ii) que pistas os MJs revelam sobre como se dá a constituição para esses sujeitos da nova TD escrita, caracterizada por alto teor argumentativo?

## **2. Sobre o olhar para o heterogêneo na aquisição da argumentação escrita: um espaço teórico para a observação**

Nesta seção, delimitamos as bases teóricas para as concepções de escrita, aquisição da escrita, TD e argumentação. O trabalho se pauta, inicialmente, na concepção de escrita constitutivamente heterogênea, que repousa no encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito e na dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido (Corrêa, 2004). Ao sustentar esse encontro, Corrêa se distancia da dicotomia fala *vs.* escrita e assume a escrita como processo, admitindo que, na prática escrita, não apenas é possível indiciar a relação entre fala/oralidade e escrita/letramento, mas a relação sujeito/linguagem (Corrêa, 2004, p. 9), no sentido de que, sendo fala e escrita entendidas como modos de enunciação, o escrevente, ao enunciar via escrita, não se põe em relação apenas com o sistema de escrita, mas com a linguagem em geral, já que atuam, nessa relação, as várias práticas sociais, orais ou letradas, atravessadas pela linguagem.

A partir dessa concepção, Corrêa propõe três eixos que orientam a circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a (sua) escrita e que configuram, portanto, do ponto de vista do analista, lugares de observação dessa circulação (Corrêa, 2004, p. 10).<sup>3</sup> O primeiro eixo diz

---

<sup>2</sup> Por *imaginário sobre a escrita*, Corrêa (2004, p. XVIII-XIX) entende o *produto* das imagens socialmente construídas sobre ela, assim como o *processo* de sua construção no âmbito das diferentes práticas sociais. A noção engloba, pois, imagens sobre a escrita já dadas como prontas para o escrevente e também seu próprio trabalho de contínua (re)construção dessas imagens.

<sup>3</sup> Com base nos eixos propostos por Corrêa, Lopes-Damasio (cf. Lopes-Damasio, 2014, 2017, 2019; Lopes-Damasio; Silva, 2018) elabora uma perspectiva teórico-analítica que aponta sua pertinência e produtividade também para investigações no âmbito da aquisição da escrita. Alicerçado no viés de análise proposto pela autora, este trabalho também organiza uma de suas etapas de análise a partir desses eixos, conforme seção 3.

respeito aos momentos em que o escrevente concebe a gênese da escrita como representação termo a termo da fala/oralidade. Pode ser flagrado em momentos do texto que mostram uma transposição fiel do modo de enunciação falado para o escrito, de forma que esses modos acabam sendo igualados pelo escrevente (Corrêa, 2004, p. 10). Já o segundo eixo corresponde aos momentos da produção do texto escrito em que a representação que o escrevente faz da (sua) escrita parte do que ele imagina ser um modo já autônomo de representar a fala/oralidade, buscando um alçamento ao código escrito institucionalizado (Corrêa, 2004, p. 10-11).<sup>4</sup>

Crucial na concepção de escrita proposta por Corrêa é a noção de dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, que configura o terceiro eixo postulado pelo autor. Aqui, durante a apropriação da escrita, entram em cena as experiências orais/faladas e letradas/escritas do escrevente. Pressupondo o princípio dialógico da linguagem (Bakhtin, 1979), esse eixo coloca em evidência a historicidade dos textos e, por consequência, a relevância do paradigma das TDs para os estudos de aquisição da escrita (Lopes-Damasio, 2014, 2017, 2019; Lopes-Damasio; Silva, 2018), uma vez que a circulação dialógica do escrevente por suas experiências orais/faladas e letradas/escritas envolve sua circulação por *tradições* de falar e escrever.

Nesse sentido, o diálogo entre esse paradigma e a noção de heterogeneidade constitutiva da escrita, juntamente com o entendimento de aquisição da escrita aqui assumido (explicitado adiante), nos permite chegar a um lugar de investigação que tem se mostrado produtivo em diversos trabalhos, que forneceram bases importantes para as decisões, teóricas e metodológicas, aqui tomadas (Longhin-Thomazi, 2011; Longhin, 2014; Lopes-Damasio, 2017; Lopes-Damasio; Silva, 2018).

Conforme apresentado anteriormente, a essência da definição de TD está no entendimento de que os textos têm história, vinculando-se a uma tradição. Isso significa que todo texto evoca um conjunto de textos anteriormente enunciados, através de uma *repetição* (Kabatek, 2005, p. 154), elemento central dessa noção. Para que uma TD se constitua, é necessário, segundo Kabatek (2006, p. 6), que a repetição seja de natureza *discursiva*, isto é, que envolva uma

---

<sup>4</sup> A noção de código escrito institucionalizado, para Corrêa (2004, p. 10), refere-se ao “processo de fixação metalinguística da escrita pelas várias instituições, sujeito, portanto, aos movimentos da história e da sociedade”. Ao entender que participam desse processo várias instituições, o autor não o restringe apenas à escola.

*combinação particular* de elementos linguísticos, *evocada* por uma determinada situação. Desse modo, excluem-se do conceito de TD as repetições não linguísticas, bem como as repetições linguísticas não associadas à evocação. A noção de evocação é também, portanto, fundamental ao conceito de TD.<sup>5</sup>

Toda TD envolve, pois, um jogo entre tradição e atualização,<sup>6</sup> uma vez que todo ato de enunciação representa um evento único, com finalidade e sentido particulares (Kabatek, 2005, p. 157). No âmbito da aquisição da escrita, esse jogo aponta para mais um viés de observação da relação entre sujeito e linguagem, dado que, além de ser perpassada pela dialogia com o já ouvido/lido, essa relação também se baseia no ato concreto de enunciação, que tem, portanto, papel no imaginário do escrevente sobre a (sua) escrita.

As TDs envolvem um componente altamente fixado, associado a um conjunto de traços que permanecem invariáveis nos textos a elas vinculados, e um componente lacunar, referente a traços variantes em suas manifestações textuais. As TDs narrativas, por exemplo, têm como traço invariável as relações temporais. Por outro lado, os mecanismos de expressão dessas relações nos textos são variáveis, havendo uma diversidade de expressões adverbiais temporais e esquemas de junção disponíveis (Longhin, 2014, p. 33).

Estando relacionadas a temáticas, finalidades comunicativas e condições de produção específicas, as TDs tendem a estar associadas a traços linguísticos específicos,<sup>7</sup> que configuram, conforme Kabatek (2005, 2006), aspectos sintomáticos da TD a que os textos se vinculam. Como já sinalizado, os MJs, segundo o autor, se sobressaem enquanto sintoma de TDs, devido à sua universalidade na linguagem em geral (Raible, 2001)<sup>8</sup> e ao fato de mobilizarem informações de vários níveis linguísticos (Longhin, 2014, p. 38).

---

<sup>5</sup> Conforme Kabatek (2006, p. 6), a *saudação*, por exemplo, é evocada por uma situação concreta que se repete e que evoca uma mesma sequência de palavras, constituindo uma TD. Ainda segundo o autor, a repetição pode abarcar o texto inteiro, como no caso da fórmula *bom dia*, apenas parte dele ou mesmo uma forma textual, dentre outras possibilidades (Kabatek, 2005, p. 155).

<sup>6</sup> Nesse conceito, *tradição* quer dizer, ao mesmo tempo, a memória da experiência já vivenciada e a projeção para novas experiências, enquanto, portanto, retomada do já-dito e um novo projeto de dizer.

<sup>7</sup> De acordo com esse entendimento, as características textuais de diferentes TDs determinam a utilização de tal ou qual forma de junção, por predominância, alternância ou exclusão de técnicas juntivas específicas.

<sup>8</sup> Segundo Raible (2001), a junção constitui uma atividade universal da comunicação humana, associada a diferentes dimensões da linguagem. Uma dessas dimensões, segundo o autor, é a do gênero textual, em que é possível observar uma relação estreita entre as escolhas no âmbito da junção e os traços característicos dos diferentes gêneros. Considerando que todo gênero é uma TD (ainda que nem toda TD seja um gênero) (Kabatek, 2006), nessa dimensão, portanto, reconhece-se o potencial dos MJs enquanto aspectos sintomáticos de TDs.

Assumindo que a escrita, nas diversas TDs, se constitui heterogeneamente, este trabalho admite uma concepção de aquisição da escrita que parte dessa heterogeneidade. No ambiente formal de ensino, posto em contato com um novo modo de enunciação, na semiose escrita, o sujeito passa a refletir não apenas sobre o que é novo, mas sobre a linguagem em geral. Assim, a aquisição da escrita constitui-se como mais um espaço de manifestação da singularidade dos sujeitos (Abaurre *et al.*, 2002, p. 23). Nessa perspectiva, a relação sujeito/linguagem é continuamente reconstruída, de modo que o sujeito não se apropria do objeto em aquisição (a escrita) em um determinado ponto do percurso, mas a cada ato de fala/escuta/escrita/leitura sua relação com o objeto se refaz, impossibilitando que a escrita se esgote como um saber estável para o sujeito (Lemos, 1998, p. 12). É desse ponto de vista que, neste trabalho, entendemos que sujeitos das séries finais do segundo ciclo do EF estão continuamente (re)fazendo sua relação com a linguagem.

Destarte, o outro tem papel fundamental, afetando o sujeito e sendo afetado por ele (Lemos, 1994, 1998), uma vez que a relação da criança com a linguagem emerge da apropriação do discurso do outro, havendo, assim, uma dependência da criança em relação a esse discurso, que “não se manifesta pela apropriação de fragmentos desse discurso apenas nos períodos iniciais de desenvolvimento, mas *reemerge a cada passo, a cada novo tipo de discurso*” (Lemos, 1994, p. 38, grifo nosso). Nessa linha, este trabalho, ao buscar *rastros* da circulação de sujeitos do segundo ciclo do EF pelo imaginário sobre a (sua) escrita e de como se dá a constituição de uma nova TD, olhará para esse refazer-se contínuo da relação dos sujeitos com a linguagem e o (discurso do) outro.

Lemos (1994, p. 38) argumenta que, na aquisição da linguagem, a criança atua como *intérprete* do outro, de si própria e dos estados de coisa no mundo, convertendo o discurso do outro em discurso próprio. Com base em Bakhtin (1985), a autora admite que a criança se apropria de *palavras alheias*, que, ao serem incorporadas, são reelaboradas como palavras *próprias* alheias, transformando-se, por fim, em palavras próprias, a partir de um processo de esquecimento dos autores das palavras alheias e apagamento da voz do outro na palavra alheia apropriada (Bakhtin, 1985, apud Lemos, 1994, p. 38). Como defende Lemos (1994, 1998), a apropriação do discurso do outro, ou, nos termos de Bakhtin, das palavras alheias, envolve uma *ressignificação* dessas palavras quando são incorporadas pelo sujeito, dado seu papel ativo de intérprete.

Ao discutir como a fala do adulto aparece na da criança, Lemos (1998, p. 14) argumenta que a criança se apropria da fala do adulto por relações entre *fragmentos* dessa fala, apresentados como cadeias, que não poderiam ser consideradas a partir de uma concepção de língua como sistema estático.<sup>9</sup>

Especificamente no âmbito da aquisição de TDs escritas argumentativas, Lopes-Damasio (2017) reconhece um aspecto particular na relação dos sujeitos com o discurso do outro, a partir de indícios de que, no desenvolvimento de sua argumentação pelo modo de enunciação escrito, os sujeitos tendem a incorporar argumentos do outro (Lopes-Damasio, 2017, p. 1056). Com base nesses indícios e nos pressupostos teóricos assumidos, partimos da hipótese de que os dados poderão auxiliar na recuperação do papel singular dos argumentos do outro na constituição da TD argumentativa no modo escrito de enunciação. Interessa a este trabalho observar, a partir dos MJs, de que maneira os argumentos do outro entram no discurso argumentativo escrito dos sujeitos, de forma a elucidar aspectos da constituição dessa TD nesse modo de enunciação, em conformidade com a segunda questão de pesquisa do trabalho.

A argumentação, via escrita, tende a ser trabalhada na escola apenas nas últimas séries do EF, em decorrência das orientações presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ainda que, antes de serem colocados em contato com TDs argumentativas escritas na escola, os sujeitos já tenham vivenciado a atividade de argumentar, em maior ou menor medida, nas várias práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas de que participam,<sup>10</sup> passam, no segundo ciclo do EF, a experienciar uma nova relação com a TD argumentativa, na medida em que ela é focalizada em seu modo escrito de enunciação.

Seguindo Ducrot (1999), entendemos argumentação como uma ilusão construída pela linguagem, no sentido de que um argumento só se constitui em argumento em sua relação com uma dada conclusão, que, por sua vez, também só se constitui em conclusão em relação a

---

<sup>9</sup> A concepção de língua e, conseqüentemente, de escrita, constitutivamente heterogênea, tal como exposto, viabiliza o trânsito das proposições de Lemos (1998), a respeito da apropriação da fala do adulto pela criança, na direção deste trabalho, voltado ao modo de enunciação escrito.

<sup>10</sup> Uma vez que já conhecem diversas TDs da escrita que, se não predominantemente argumentativas, envolvem argumentação ao menos em alguma medida, se a entendemos como inerente à linguagem (Ducrot, 1989), independentemente da tipologia textual que prevalece em dado discurso.

um dado argumento.<sup>11</sup> Desse ponto de vista, é esse encadeamento que possibilita a própria argumentação. Apesar de haver diferentes tipos de recursos linguísticos que podem promover encadeamentos argumentativos, neste trabalho, estarão em foco os encadeamentos do tipo *X MJ Y*,<sup>12</sup> uma vez que, como já explicitado, elegemos os MJs como o lugar privilegiado de análise. Para isso, neste trabalho, o juntor é observado no *espaço de junção*, o que permite olhar para as técnicas de junção sem perder de vista o ponto em que elas ocorrem. Trata-se, pois, de uma observação do contexto linguístico (em que se vincula a ocorrência de uma TD à dimensão sintática da língua) e trata-se, ao mesmo tempo, de uma observação do contexto enunciativo (em que a sintaxe assume feição de dimensão de contato entre a virtualidade do sistema e a sua realização). Nesse sentido, a dimensão sintática permite observar as junções como recursos formais da língua, mas, também, como memória de realizações já feitas. Tomada como procedimento formal, a própria junção integra-se, então, à língua e ao texto, obedecendo, no texto, a restrições de outra ordem, mas que podem gerir também os traços sintáticos. Assim, o espaço de junção *em que as técnicas são praticadas* poderia ser visto como uma *zona de contato* (Authier-Revuz, 1990) entre TDs, submetida a restrições não simplesmente formais, mas de ordem histórico-discursiva (Lopes-Damasio; Silva, 2018).

Admitindo que os esquemas de junção promovem encadeamentos argumentativos que levam à ilusão da argumentação (cf. Ducrot, 1999; Campos, 2005) e que os sujeitos incorporam argumentos do outro, já que não há exterioridade do outro no discurso do eu (cf. Lemos, 1998; Lopes-Damasio, 2017), buscaremos observar, sobretudo no âmbito da segunda questão da pesquisa, como os argumentos do outro são incorporados e como se dão os encadeamentos argumentativos, a partir dos *rastros* deixados pelos sujeitos na materialidade dos textos.

### 3. Material e Metodologia

Nesta seção, explicitamos o material, as decisões metodológicas e descrevemos as etapas de análise dos MJs na TD argumentativa escrita.

---

<sup>11</sup> Campos (2005), com outros objetivos e questões, também investiga a argumentação nos textos de sujeitos em aquisição da escrita, pautada na noção de ilusão da argumentação, via encadeamentos argumentativos.

<sup>12</sup> Consideramos que também são representativos desse encadeamento os esquemas em que o zero Ø atua como juntor.

O universo de investigação compreende um conjunto de textos, extraídos de um banco de dados de escrita, constituído no âmbito do projeto *Desenvolvimento de oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental* (FAPESP proc. 2013/14.546-5)<sup>13</sup> (Tenani & Longhin, 2008-2011). Adotamos o texto como unidade de análise e trabalhamos com um total de dez textos, todos orientados à mesma proposta de produção, apresentada abaixo.

### Figura 1 — A proposta de produção

- Natal! Data tão gostosa que lembra nascimento de Jesus, família, alegria, presentes... confusão...
- E aí? O que você quer ganhar neste Natal? Escreva uma carta a seus pais tentando convencê-los de comprar o seu objeto de desejo. Nessa carta, insira a propaganda do seu presente. Lembre-se de ser criativo e convincente...
- Caso você e sua família não comemorem o Natal, relate o que costumam fazer nessa época.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Fonte: Banco de dados de escrita

Nessa proposta, instruções específicas direcionam o olhar dos escreventes para o texto que irão produzir e definem a TD *carta argumentativa* (*Escreva uma carta a seus pais tentando convencê-los de comprar o seu objeto de desejo*). Além de especificar que a finalidade da carta deve ser a de convencer os pais em relação ao presente desejado, reiterando a natureza persuasiva do texto (*Lembre-se de ser criativo e convincente...*), a proposta ainda orienta os escreventes a inserirem: (i) a TD *propaganda* (*insira a propaganda do seu presente*); e (ii) a TD *relato* (*Caso você e sua família não comemorem o Natal, relate o que costumam fazer nessa época*). Com (i) e (ii), contribui para a introdução, no imaginário dos sujeitos sobre o texto escrito que irão desenvolver, da possibilidade de mesclas de TDs. Como veremos na seção de análise, nos textos investigados, há indícios dessas mesclas no âmbito das relações semânticas.

Para a análise, partimos do modelo funcionalista de junção proposto em Halliday (1985), que concebe a relação entre orações como uma modificação caracterizada por duas dimensões: uma correspondente ao eixo *tático*, associada à maior ou menor dependência entre as orações; e outra, ao eixo *semântico*, referente às relações de sentido que se instauram no complexo oracional. Assim, partimos de aspectos tático-semânticos, mobilizados nos/pelos esquemas de

---

<sup>13</sup> O banco de dados conta com 5.519 textos e está disponível em: <http://www.gdb.ibilce.unesp.br/redacoes>.

junção e constituídos em *espaços de junção*. Nesses espaços, podem ser vistos como recursos textuais de verticalização no tempo, operando, retroativamente, com certas regularidades linguísticas, mas também, em seu retorno, construindo uma atualidade de sentido e antecipando, prospectivamente, outras possibilidades de ocorrência. O *espaço de junção* não se restringe, portanto, à descrição do contexto linguístico, mas marca a especificidade de que fala Veyne (1971, p. 48 *apud* Corrêa, 2007, p. 206), ou seja, o particular e o geral da singularidade histórica.

No plano tático, o modelo de junção adotado prevê duas possibilidades de organização das orações: parataxe e hipotaxe. Na parataxe, as orações têm o mesmo estatuto, sendo funcionalmente autônomas, como em *foi ao mercado e comprou frutas*. Na hipotaxe, uma das orações é nuclear e a outra é dependente, de modo que têm estatutos distintos, como em *quando foi ao mercado, comprou frutas*.<sup>14</sup> No plano semântico, lançamos mão da tipologia formulada em Kortmann (1997), que prevê um contínuo de complexidade cognitiva (*adição, alternância, modo, tempo, causa, condição, finalidade, contraste e concessão*).

O desenvolvimento da análise se pauta em duas etapas: (i) mapeamento dos esquemas de junção, a partir das abordagens qualitativa e quantitativa, por meio da conjugação das frequências *type* e *token* (Bybee, 2003), com base no modelo de junção proposto em Halliday (1985) e no contínuo de complexidade cognitiva de relações semânticas elaborado em Kortmann (1997);<sup>15</sup> (ii) observação dos MJs, identificados em *espaços de junção* e tomados como rastros da circulação dos sujeitos pelo imaginário sobre a (sua) escrita e da constituição da TD argumentativa, à luz das bases teórico-metodológicas que fundamentam o trabalho. Para (ii), consideramos as relações de *adição neutra, causa e contraste*, que, qualitativa e quantitativamente, forneceram caminhos na busca de respostas para as questões de pesquisa introdutoriamente explicitadas.

#### **4. Sobre o heterogêneo no linguístico-discursivo: um espaço analítico para a junção**

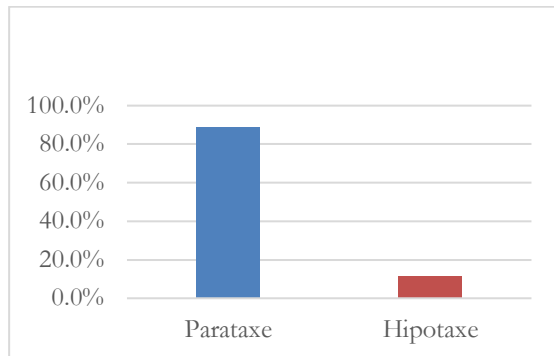
---

<sup>14</sup> Nesse modelo hallidayano, o encaixamento tático não é considerado, por não se tratar de uma relação entre orações, mas de constituição oracional. Tendo em vista os objetivos e questões deste trabalho, fogem de seu escopo aspectos da junção de orações não associados ao sentido, tal como o fenômeno de encaixamento.

<sup>15</sup> No âmbito desse contínuo, optamos por analisar as relações entre as orações sempre em termos daquela mais abstrata, nos casos em que mais de uma relação semântica pode ser identificada em um dado esquema de junção. É frequente nos dados, por exemplo, a polissemia entre *adição* e *causa* (observada em 13% das ocorrências). Conforme o procedimento estabelecido, esse tipo de esquema foi mapeado como *causal*. Foram também encontradas duas outras relações de sentido polissêmicas: *adição/contraste* (1,7%) e *adição/condição* (1,1%).

O *corpus* de investigação forneceu um total de 177 MJs. No âmbito das relações táticas, os dados mostram prevalência da parataxe, mobilizada em 88,7% dos esquemas de junção identificados, conforme o Gráfico 1:

**Gráfico 1** — Relações táticas na TD carta argumentativa escrita



Fonte: autoria própria

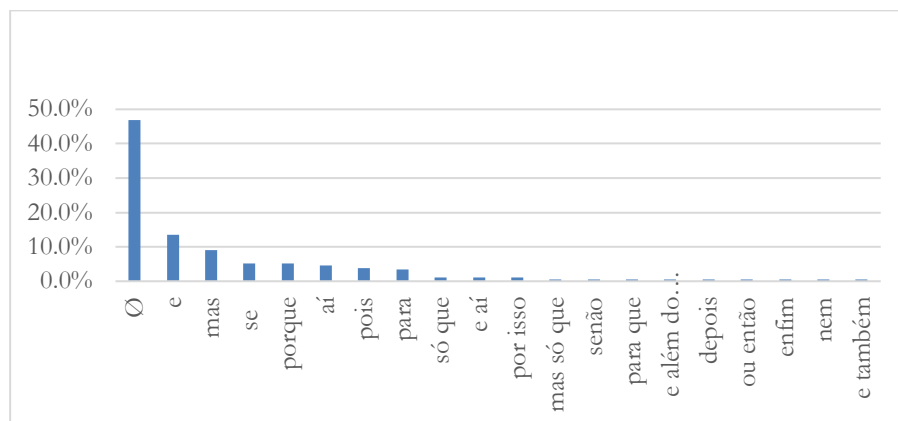
O predomínio da parataxe em textos produzidos por sujeitos das últimas séries do EF pode gerar estranhamento para perspectivas ontogenéticas tradicionais, que concebem a parataxe como um tipo de relação mais simples e a hipotaxe como um tipo de relação mais complexa, alimentando a expectativa de que, ao longo da escolarização, a criança passe a construir mais relações hipotáticas e menos paratáticas (La Fauci, 2007). Estudos sobre aquisição da escrita em perspectiva longitudinal, no entanto, evidenciam que não há uma relação necessária entre escolarização e passagem gradual da parataxe à hipotaxe (cf. Longhin-Thomazi, 2011; Lopes-Damasio; Silva, 2018), sobretudo pelo fato de ser equivocada a associação entre parataxe e simplicidade.

No caso dos textos investigados, a prevalência da parataxe é sinal da constituição heterogênea da escrita: ao se colocarem em relação com uma TD argumentativa, na semiose escrita, os sujeitos já argumentam em práticas discursivas orais, na semiose falada, de forma que a parataxe atua como marcas (mais) mostradas, no escrito, da circulação do sujeito pelo modo de enunciação falado. A prevalência da parataxe auxilia a recuperação, então, desse trânsito por práticas orais/faladas/letradas/escritas, enquanto sinal de que a “enunciação escrita” é constituída pela “enunciação falada” ao longo da história desses sujeitos e, conseqüentemente, enquanto ilustração empírica do primeiro eixo que, conforme Corrêa (2004), orienta a

circulação dos escreventes pelo imaginário sobre a (sua) escrita. Os dados indiciam, portanto, que os sujeitos entram na escrita argumentativa a partir de suas experiências orais/faladas prévias com a atividade de argumentar. Essa dialogia com o já falado/ouvido é coerente também à atuação do terceiro eixo, que engloba os demais e, neste trabalho, está intimamente associado à noção de TD.

Os textos investigados mostram uma diversidade de MJs (cf. Gráfico 2), em meio à qual é possível reconhecer a prevalência da parataxe por justaposição (46,8% dos mecanismos identificados).

**Gráfico 2** — MJs na TD carta argumentativa escrita



Fonte: autoria própria

La Fauci (2007) e Longhin-Thomazi (2011) admitem que construções paratáticas justapostas exigem do interlocutor maior cálculo de sentido e, portanto, uma participação maior na interpretação do significado. Como argumenta La Fauci (2007), quanto menos explícita é uma construção, mais complexo é o processo de formulação dos sentidos. Nessa linha, Longhin-Thomazi (2011) entende a parataxe, sobretudo a parataxe por justaposição, que envolve ainda maior implicitude do significado, como uma estratégia de memorização, já que “o trabalho de elaboração mental, exigido por uma sintaxe menos explícita, tende a resultar em uma maior fixação de fatos na memória se comparado à simples recepção de algo que alguém nos apresenta como explícito” (Longhin-Thomazi, 2011, p. 238). Essa propriedade da parataxe constitui uma via explicativa para sua recorrência mais marcada/mostrada em TDs que circulam em práticas orais, por meio do modo de enunciação falado, indiciando sua natureza altamente complexa. Acrescentamos a essa explicação a ideia de que o uso das justaposições

atua como *gesto* do sujeito que aponta, no espaço gráfico, para a situação concreta de enunciação, uma vez que o sujeito imprime, na construção de tradições da escrita, suas experiências com as tradições da fala, no movimento característico da relação letramento-oralidade: por imaginar que o ato e modo de enunciação falado estão *plasmados em sua escrita*, o sujeito junta as orações de forma justaposta, sem explicitar, por mecanismos táticos de junção, a codificação das mais diferentes relações de sentido, da mesma forma como realiza outras manobras.<sup>16</sup> O gesto representado no mecanismo tático da justaposição oracional pode ser definido como uma *fissura*, desde que entendida como lacuna, passível de ser preenchida pelo outro/destinatário a partir de rastros linguísticos – no sentido do que é tradicional e, por isso, fixo nos textos – e discursivos (Lopes-Damasio, 2016).

A alta frequência da justaposição nos dados é, para nós, portanto, um indício da atuação do primeiro eixo proposto por Corrêa (2004) na orientação dos sujeitos no processo de apropriação da escrita. Nesse aspecto, a frequência significativa, nos dados, de um MJ que atua como gesto e demanda papel ativo do outro, na produção dos sentidos, se deve, em nossa análise, à natureza da aquisição da TD argumentativa no modo de enunciar em questão. Dessa forma, o encadeamento X Ø Y acentua o dialogismo da situação comunicativa, leva a um envolvimento do outro e, com isso, contribui para a persuasão que constitui essa tradição, no âmbito de uma intrínseca relação entre fala/escrita e oralidade/letramento. Ao analisarmos as relações semânticas instauradas pelos/nos *espaços de junção* identificados nos dados, veremos que o outro tem um papel singular no modo como se constitui a TD argumentativa, nos textos investigados, cf. terceiro eixo (Corrêa, 2004).

Além de pistas da circulação dos sujeitos pelo primeiro e terceiro eixos, os dados também indiciam a atuação do segundo eixo, que flagra momentos em que os escreventes fazem representações da escrita enquanto código escrito institucionalizado, conforme podemos observar em (1) e (2):

---

<sup>16</sup> Como a utilização de expressões nominais definidas e pronomes sem referentes, investigadas em outros trabalhos (cf. Capristano & Oliveira, 2013; Corrêa, 2004).

(1) Mãe você já até sabe o que eu quero pois eu sei que não tem condições de comprar o computador, por isso neste natal não vou te pedir o saco para você comprar computador nem o vídeo game não nem aquele que foi

Mãe, você já até sabe o que eu quero **pois/mas** eu sei que não tem condições de comprar [...]

(2) Bom, espero que eu ganhe de você o secador, pois mesmo se esse não for meu presente de natal, eu vou estar feliz.

Bom, espero que eu ganhe de você o secador, **pois/mas**, mesmo se esse não for o meu presente de natal, eu vou estar feliz.

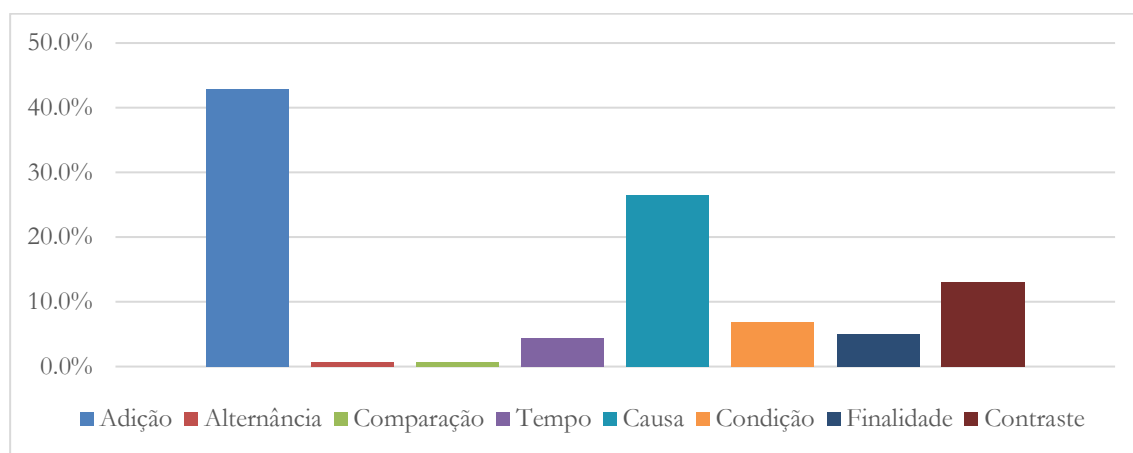
Em (1) e (2), os usos de *pois* indiciam a atuação do segundo eixo, na medida em que o juntor, de acepção tipicamente causal, ocupa um espaço que relaciona enunciados caracterizados por uma acepção contrastiva. Entendemos a ocupação singular desse espaço de junção não como uma imprecisão, mas como indício da circulação dos sujeitos por sua imagem do código escrito institucionalizado, a partir do reconhecimento de que várias instituições – tendo destaque, aqui, a escola – contribuem para a fixação metalinguística da escrita, por meio do estabelecimento de determinados esquemas textuais como bons “modelos de escrita”. Esses esquemas passam, assim, a fazer parte daquilo que os escreventes imaginam ser a escrita institucionalizada e a desencadear o uso de recursos linguísticos diversos – tais como os MJs – como formas de alçamento a essa escrita.

Do total de 177 MJs constatados nos textos investigados, 42,9% ocupavam *espaços de junção* com acepção de *adição*. A alta frequência dessa acepção nos dados se explica pelo movimento de acréscimo de informação nova nos textos. Conforme sinalizado na seção 3, são frequentes os casos em que a *adição*, além de atuar na progressão textual, viabiliza um movimento semântico-discursivo, numa relação polissêmica, com outro significado. Apesar disso, o conjunto de 42,9% em questão diz respeito aos casos de *adição neutra*, isto é, em que há apenas progressão textual, sem esse movimento, nos espaços de junção, que poderia levar a outro(s) sentido(s).<sup>17</sup>

<sup>17</sup> A alta frequência de *adição neutra* nos dados parece ser consequência da mescla das cartas argumentativas produzidas pelos sujeitos com a TD relato (mescla que, conforme sinalizamos na seção 3, parece ter sido estimulada pela proposta de produção). A averiguação dessa questão extrapola, no entanto, os objetivos deste trabalho.

Após adição neutra, *causa* (26,5%) e *contraste* (13%) são as relações de sentido mais frequentes nos dados.<sup>18</sup> Conforme Kortmann (1997), tanto *causa* quanto *contraste* são relações mais abstratas, situadas mais à direita do contínuo de complexidade cognitiva. O Gráfico 3 apresenta todas as relações de sentido, encontradas nos textos investigados, e a saliência de *causa* e *contraste* em relação às demais.

**Gráfico 3** — Relações de sentido na TD carta argumentativa escrita



Fonte: autoria própria

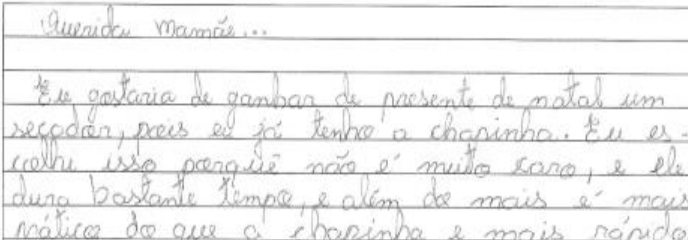
Na literatura linguística, alguns trabalhos, como Lopes-Damasio e Silva (2018), mostram a saliência e o papel singular das relações de *causalidade* na materialização de TDs argumentativas. Em nossos dados, a frequência significativa de relações de *causa* – que são consideravelmente mais frequentes, inclusive, do que as de *contraste* – corrobora o papel substancial dessas relações no discurso argumentativo e também indiciam que se trata de traço sintomático das TDs argumentativas em aquisição no modo escrito de enunciar.

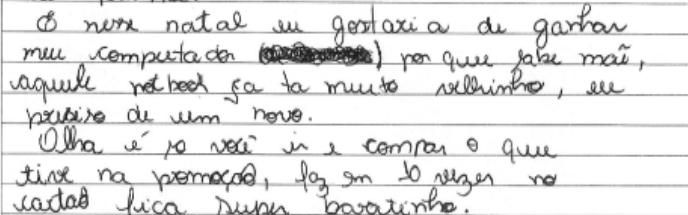
O fato de as relações semânticas expressas pelos MJs se mostrarem sintoma das TDs argumentativas indicia, em nossa análise, que os sujeitos já têm conhecimento, em alguma medida, de um dos componentes fixos dessa TD: a presença de MJs, em espaços de junção, que possibilitam o cumprimento da finalidade comunicativa principal da atividade de argumentar, a persuasão. Tem-se aqui, portanto, um ponto de observação da atuação do terceiro dos eixos que regulam a circulação dos escreventes pelo imaginário sobre a (sua)

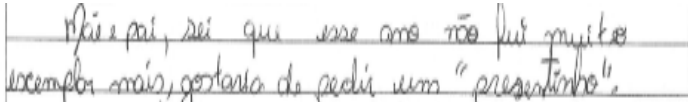
<sup>18</sup> Ao mostrarem frequências importantes de relações de sentido abstratas, expressas a partir de esquemas paratáticos, os dados fornecem mais indícios da inconsistência da associação da parataxe com simplicidade.

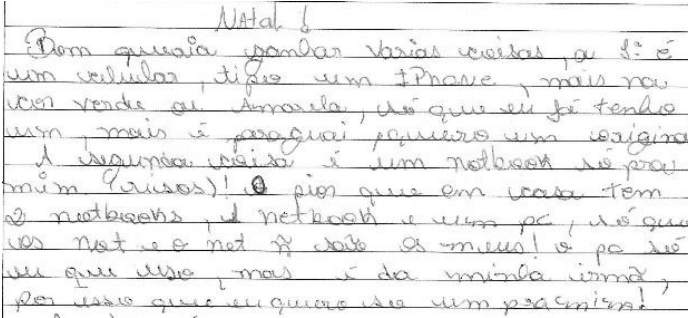
escrita, uma vez que os MJs típicos de TDs argumentativas indiciam que os sujeitos já experienciaram essa TD, ainda que em outras práticas sociais, sobretudo orais/faladas, e, na produção escrita da carta argumentativa, mobilizam o já falado/ouvido e escrito/lido. Por outro lado, há também marcas, nos textos, de que os sujeitos reconhecem a existência de um componente variável, na medida em que lançam mão de MJs diversos, nesses espaços de junção em que o sentido é o de causalidade (cf. Gráfico 2).

Na análise das relações *causais* e *contrastivas*, reconhecemos a regularidade, nos textos investigados, da mobilização do discurso do outro (especialmente dos pais) na argumentação, corroborando Lemos (1994), ao sinalizar que a relação da criança com a linguagem emerge da apropriação do discurso do outro, e Lopes-Damasio (2017), ao mostrar um papel singular dos argumentos do outro na constituição da TD argumentativa no modo escrito de enunciar. Trata-se de uma regularidade pautada na *antecipação* e *refutação*, via MJs, em espaços de junção *causais* e *contrastivos*, de possíveis (contra-)argumentos do adulto. Os exemplos (3) e (4) ilustram o movimento em pauta, a partir de MJs *causais*, e (5) e (6) ilustram-no a partir de *contrastivos*.

(3) 

(4) 

(5) 

(6) 

Em (3) e (4), depreendemos, nas justificativas apresentadas pelos sujeitos, argumentos que contestam possíveis contra-argumentos dos pais (ou de outro(s) adulto(s) por eles responsável(is)). Em (3), no trecho *Eu escolhi isso porque não é muito caro, e ele dura bastante tempo, e além do mais é mais prático do que a chapinha e mais rápido*, as justificativas pautadas no preço, na durabilidade e na praticidade do secador contêm fragmentos do discurso do adulto, que tende a considerar características como essas na avaliação de objetos para aquisição, assim como contêm fragmentos dos enunciados veiculados em propagandas de produtos, indiciando, pois, que o sujeito pode ter sido capturado por sua experiência com esse tipo de prática discursiva. Nesse jogo, há uma *antecipação* dos possíveis argumentos de que o secador seja caro e de que o sujeito já tenha um objeto (a chapinha) que desempenha funções parecidas às do presente solicitado, e uma *refutação* desses argumentos a partir da sinalização de qualidades do secador, num diálogo intrínseco com o já-ouvido/lido e já-falado/escrito.

Em (4), a justificativa para o pedido de um computador também se dá por meio da antecipação de possíveis contra-argumentos, principalmente da mãe, a quem o sujeito dedica a carta: *por que sabe mãe, aquele notebook já tá muito velhinho, eu preciso de um novo. Olha é só você ir e comprar o que tive na promoção, faz em 10 vezes no cartão fica super baratinho*. Esse encadeamento de relações *causais* fornece indícios de que o sujeito prevê possíveis contra-argumentos da mãe, pautados na já existência de um computador para seu uso (mostrada pelo pronome *aquele*, que indica o que o sujeito imagina ser o conhecimento compartilhado entre ele e o destinatário representado de sua carta) e no preço elevado de um novo computador. A direção argumentativa, que segue a antecipação desses possíveis contra-argumentos, deixa sinais de que o sujeito procura mostrar a inviabilidade de continuar utilizando o computador já disponível (*já tá muito velhinho, eu preciso de um novo*) e abrir caminhos para solucionar os obstáculos relativos ao custo do computador (*faz em 10 vezes no cartão fica super baratinho*), refutando, assim, os possíveis questionamentos previstos.

Em (5) e (6), a estratégia defendida se concretiza via relações *contrastivas*, fundadas na quebra de expectativa. Em (5), no enunciado *sei que esse ano não fui muito exemplar*, o sujeito reconhece um fato que pode ser lançado pelos pais como argumento de que ele não merece ganhar presentes. No espaço de junção, esse segmento habilita a expectativa de que não irá, então, pedir nenhum presente de Natal. Ao frustrar essa expectativa, no segundo segmento, o escrevente invalida o contra-argumento esperado, pois, ao reconhecê-lo e, ainda assim, fazer o pedido, torna-o insuficiente.

Em (6), na apresentação do primeiro presente que gostaria de ganhar, o espaço de junção com o MJ *só que* caminha em direção argumentativa contrária àquela que favorece o sujeito: (...) *queria ganhar varias coisas, a 1ª é um celular (...), só que eu já tenho um*. Sendo o segundo membro da relação contrastiva o mais decisivo do ponto de vista comunicativo (Ducrot, 1977), o esquema em pauta contém uma inconsistência do pedido, pois não é favorável a que o sujeito consiga o celular. Para alcançar o convencimento dos pais, logo na sequência do espaço de junção preenchido por *só que*, um outro, contrastivo, com o MJ *mas*, é encadeado: *mais é paraguai, quero um original*, refutando o possível questionamento baseado no fato de o sujeito já ter um celular e configurando um encadeamento juntivo não convencional, que indicia a voz do outro no discurso do eu.

Ainda em (6), movimentos similares podem ser observados: (i) no trecho em que o sujeito apresenta o segundo presente que quer ganhar (*O pior que em casa tem 2 notebooks, e netbook e um pc, só que os not e o net ã são os meus!*): o primeiro segmento da relação traz um fato que pode ser apontado como contra-argumento. Nesse segmento, *o pior* sinaliza linguisticamente o reconhecimento do sujeito de que a existência de dois computadores em casa é desfavorável a seu pedido. A partir do segmento introduzido por *só que*, o escrevente apresenta uma característica dos computadores disponíveis que pode refutar o contra-argumento em questão; e (ii) no próximo esquema contrastivo do trecho analisado (*o pc só eu que uso, mas é da minha irmã*). Na sequência, o escrevente encadeia um espaço de junção causal com o segundo segmento do esquema contrastivo (*é da minha irmã, por isso que eu quero so um pra mim!*). O texto em análise, assim, ao materializar a antecipação e refutação de argumentos do outro, através de relações *contrastivas* e *causais*, auxilia na recuperação do papel substancial de ambas na construção da argumentação.

Nesse movimento, os argumentos do outro não são apenas incorporados pelos sujeitos, mas *ressignificados* nos/pelos encadeamentos argumentativos particulares por eles elaborados: nessa incorporação de argumentos do outro, os sujeitos atribuem-lhes novo significado, na medida em que os organizam em espaços de junção particulares que levam à sua transformação, de argumentos adversos, em argumentos favoráveis ao convencimento do outro/adulto. Assim, entendendo a argumentação como uma ilusão construída pela linguagem (Ducrot, 1999), admitimos que MJs, nos espaços de junção construídos pelos sujeitos, promovem encadeamentos argumentativos por meio dos quais o discurso do outro é ressignificado: sendo esses encadeamentos responsáveis por constituir um argumento e uma conclusão, que só se constituem um em relação ao outro, ao incorporarem argumentos do outro em encadeamentos particulares, os sujeitos agem pela linguagem e constroem a ilusão da argumentação, ressignificando os argumentos incorporados.

Na ressignificação do discurso do outro via encadeamentos argumentativos, observa-se a reelaboração das palavras alheias como palavras próprias alheias e, em última instância, como palavras próprias (Bakhtin, 1985; Lemos, 1994), já que os encadeamentos argumentativos nos textos investigados, ainda que tenham como ponto de partida fragmentos da fala (e, possivelmente, também da escrita) do outro/adulto, configuram o discurso próprio da criança, fruto de sua relação com a linguagem e o outro, a partir da qual deixa *rastros* de um trânsito singular por aqueles fragmentos, produzido pela ilusão da argumentação e mostrado, no texto, nos espaços de junção.

Na medida em que recuperam fragmentos da fala do outro/adulto (mais especificamente, argumentos disseminados nessa fala), os encadeamentos argumentativos *causais* e *contrastivos*, nos textos do *corpus*, constituem mais um indício – juntamente com a prevalência da parataxe e de relações semânticas típicas de TDs argumentativas – do papel do terceiro eixo que, segundo Corrêa (2004), orienta os escreventes em sua circulação pela escrita. Isso porque a presença de fragmentos do discurso do outro deriva, em nossa análise, de modo específico, do diálogo familiar no imaginário do escrevente sobre a (sua) escrita, e, de modo geral, da dialogia com o já falado/ouvido e com o já escrito/lido.

## **Considerações Finais**

À luz da análise dos MJs, em espaços de junção, tomados como *rastros* da movimentação do sujeito, no âmbito da questão (i) – que pistas os MJs permitem capturar acerca da circulação de sujeitos que estão adquirindo uma nova TD, materializada no modo escrito de enunciação, por seu imaginário sobre a (sua) escrita? – os resultados forneceram indícios de que as marcas da circulação do sujeito pelo modo de enunciação falado estão (mais) mostradas ou menos apagadas no modo de enunciação escrito, em aquisição na TD argumentativa. Os três eixos propostos por Corrêa (2004) confirmaram-se, nos textos investigados, como importantes lugares de observação da circulação dos escreventes pelo imaginário sobre a (sua) escrita, corroborando a constituição heterogênea dos textos. Em razão das próprias questões da pesquisa, destacaram-se, na análise, o primeiro e o terceiro eixos, cuja atuação foi relacionada ao papel das experiências prévias dos sujeitos com o já falado/ouvido e o já lido/escrito e, por consequência, com TDs.

No âmbito da questão (ii) – que pistas os MJs revelam sobre como se dá a constituição da TD argumentativa no modo escrito de enunciação? –, os dados corroboram o papel relevante do outro a cada novo tipo de discurso aprendido (Lemos, 1994) e indiciam a singularidade desse papel, nos textos analisados, para a constituição da TD argumentativa escrita, indicando, conforme observa Lopes-Damasio (2017), em conformidade com Lemos (1994), que os argumentos do outro são incorporados e ressignificados pelos sujeitos.

Nos textos investigados, a ressignificação se dá, sobretudo, via encadeamentos argumentativos promovidos por MJs, em espaços de junção *causais* e *contrastivos*, que produzem a ilusão da argumentação. Portanto, é na/pela ilusão da argumentação que os argumentos do outro ganham novo significado, através da constituição de argumentos e conclusões que antecipam e refutam possíveis contra-argumentos do adulto, transformando-os em argumentos favoráveis ao projeto de dizer/escrever dos sujeitos. Além disso, esse tipo preferencial de sentido – *causal* e *contrastivo* –, construído nos espaços de junção, chama a atenção porque permite reforçar o papel dos juntores na constituição de TDs, na medida em que os trânsitos semânticos constatados estão fortemente relacionados ao tipo específico de TD. Em síntese, a distribuição da maior ou menor complexidade semântica das relações juntivas não se assume como um fato em si mesmo, mas como um fato fortemente dependente

do tipo de TD em que essas categorias emergem, e, portanto, do espaço de junção que ocupam no texto, enquanto acontecimento discursivo.<sup>19</sup>

A maneira singular como se dá a resignificação do discurso do outro, via encadeamentos argumentativos nos espaços de junção dos textos investigados, aponta para a singularidade desse processo, na medida em que deriva das experiências particulares do sujeito com a linguagem. A estratégia de antecipar e refutar argumentos do outro, ao mesmo tempo em que é particular aos textos investigados – porque particular aos sujeitos que os produziram, a partir de sua relação particular com a linguagem, de modo geral, e com a escrita argumentativa, de modo específico –, pode constituir uma tendência na aquisição de TDs argumentativas, no modo escrito de enunciação, de forma que sua dimensão, nesse processo, parece uma via de investigação produtiva para trabalhos futuros.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Brasil (FAPESP) – Processo nº 2019/01411-0. Agradecemos, ainda, ao Prof. Dr. Lourenço Chacon e à Profa. Dra. Elaine de Oliveira, pela leitura atenta e pelos comentários, que muito nos auxiliaram na construção de nossas reflexões.

### **Conflito de Interesses**

*(X) Declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.*

### **Contribuição dos autores**

*Nós, Luísa Ferrari e Lúcia Regiane Lopes-Damasio, declaramos, para os devidos fins, que não temos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Ambas as autoras participaram da conceptualização, metodologia e desenho do estudo, bem como das análises qualitativa e estatística dos dados. Ambas aprovam a versão final do manuscrito e são responsáveis por todos os aspectos, incluindo a garantia de sua veracidade e integridade.*

---

<sup>19</sup> Esse resultado associa-se à relação entre filogênese e ontogênese e abre caminho, portanto, a investigações futuras voltadas para o reconhecimento da natureza complexa dessa relação.

## Referências

- Authier-Revuz, J. (1990). Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, 25-42. <https://doi.org/10.20396/cel.v19i0.8636824>
- Abaurre, M. B., Fiad, R. S., & Mayrink-Sabinson, M. L. T. (2002). *Cenas de aquisição de escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Mercado de Letras.
- Bakhtin, M. (1985). *Estética de la creación verbal*. Siglo Veintiuno.
- Bakhtin, M. (1979). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec.
- Bybee, J. (2003). Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In R. D. Janda, B. D. Joseph, & B. S. Vance (Eds.), *The handbook of historical linguistics* (pp. 602-623). Blackwell Publishing.
- Campos, C. M. (2005). *Efeitos argumentativos na escrita infantil ou a ilusão da argumentação*. [Unpublished doctoral dissertation]. Universidade Estadual de Campinas. [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270962/1/Campos\\_ClaudiaMendes\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270962/1/Campos_ClaudiaMendes_D.pdf) (acesso 03 de setembro, 2021)
- Capristano, C. C., & Oliveira, E. C. (2014). Escrita infantil: a circulação da criança por representação sobre gêneros discursivos. *Alfa*, 58(2), 347-370.
- Corrêa, M. L. G. (2007). Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 8, 269-286. <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59756/62865>. (acesso 25 de setembro, 2021)
- Corrêa, M. L. G. (2004). *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Martins Fontes.
- Ducrot, O. (1989). Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. In E. Guimarães (Ed.), *História e sentido na linguagem* (pp. 13-38). Pontes.
- Ducrot, O. (1977). *Princípios de semântica linguística*. Cultrix.

Ducrot, O., & Carel, M. (1999). Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation. *Langue Française*, 123, 27-40. <https://doi.org/10.3406/lfr.1999.6294>

Halliday, M. A. K. (1985). *An introduction to functional grammar*. Edward Arnold.

Kabatek, J. (2006). Tradições discursivas e mudança linguística. In T. Lobo et al. (Ed.), *Para a história do português brasileiro* (pp. 505-527). Editora da UFBA.

Kabatek, J. (2005). Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis*, 29(2), 151-177. <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/lexis/article/view/8387> (acesso 25 de setembro, 2021)

Koch, P. (1997). Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In B. Frank (Ed.), *Gattungen mittelalterlicher schriftlichkeit* (pp. 43-79). Narr.

Kortmann, B. (1997). *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Oxford University Press.

La Fauci, N. (2007). Paradoxes de la parataxe. In M. J. Béguelin, M. Avanzi, & G. Corminboeuf. (Eds.), *Actes du colloque international 'la parataxe'*. (pp. 91-111). Université de Neuchâtel.

Lemos, C. T. de. (1998). Sobre a aquisição da escrita. Algumas questões. In R. Rojo. (Ed.), *Alfabetização e letramento* (pp. 8-18). Mercado de Letras.

Lemos, C. T. de. (1994). A função e o destino da palavra alheia: três momentos da reflexão de de Bakhtin. In D. L. P. BARROS, & J. L. FIORIN (Eds.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin* (pp.37-43). EDUSP

Longhin, S. R. (2014). *Tradições discursivas: conceito, história e aquisição*. Cortez Editora.

Longhin-Thomazi, S. R. (2011). Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. *Alfa*, 55(1), 225-248.

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4175>. (acesso 25 de setembro, 2021)

Lopes-Damasio, L. R. (2019). A justaposição oracional em dados de aquisição da escrita. *Revista Todas as Letras*, 21(2), 88-104. <https://doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v21n2p88-104>

Lopes-Damasio, L. R. (2017). Uma abordagem da circulação do sujeito pelo universo da escrita via mecanismos de junção. *Estudos Linguísticos*, 46(3), 1041-1057. <https://doi.org/10.21165/el.v46i3.1757>

Lopes-Damasio, L. R. (2014). Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas. *Estudos Linguísticos*, 43(3), 1371-1386. <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/530>. (acesso 25 de setembro, 2021)

Lopes-Damasio, L. R., & Silva, P. C. S. (2018). A produção textual escrita: junção e(m) aquisição. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 60(3), 723-742. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i3.8653133>

Oesterreicher, W. (1997). Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In B. Frank et al. (Eds.), *Gattungen mittelalterlicher schriftlichkeit*. (pp. 19-41). Narr.

Raible, W. (2001). Linking clauses. In M. Haspelmath (Ed.), *Language typology and language universals: an international handbook* (pp. 590-617). Walter de Gruyter.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.